

OLHARES CRÍTICOS A *IAIÁ GARCIA*, DE MACHADO DE ASSIS

Raquel Andrade Machado¹

Resumo

Machado de Assis é objeto de estudo de uma vasta gama de críticos literários, principalmente no tocante às obras posteriores a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Seus romances anteriores não recebem tanta atenção crítica, como *Iaiá Garcia*, que ora é classificado como romântico, ora como realista, ou então transitório da primeira para a segunda fase do escritor. Sendo assim, questiona-se de que maneira a fortuna crítica trata o quarto romance de Machado de Assis desde a época de sua publicação, em 1878, até os dias atuais, sob a perspectiva de analisar se *Iaiá Garcia* é avaliado com vista a aspectos sociais e externos a ele ou analisado internamente, sob a perspectiva do narrador e personagens. Para elucidar esta questão, fez-se um recorte de textos críticos de épocas diversas. A partir dos textos selecionados, conclui-se que a crítica, em sua maioria, aborda o romance externamente, enquanto que estudos atuais se voltam a analisar o romance por ele mesmo.

Palavras-chave: *Iaiá Garcia*. Machado de Assis. Crítica.

Abstract

Machado de Assis is the object of study of a large range of literary critics, especially regarding his later works after *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. His previous novels do not receive much critical attention, except for *Iaiá Garcia*, now classified as romantic, either realistic or a transition from the first to the second phase of the writer. Therefore, this paper questions how the critical fortune analyzed *Iaiá Garcia*, from the time of its publication, in 1878, to the present day, to see if *Iaiá Garcia* was assessed in relation to external and social aspects or if it was analyzed internally, from the perspective of the narrator and characters. To elucidate this question, some critical texts from different periods were chosen in order to see how critics handled the novel over time. From the selected texts, it was concluded that literary criticism mostly deals with the novel externally; however, current studies tend to analyze it in itself.

Keywords: *Iaiá Garcia*. Machado de Assis. Criticism.

Iaiá Garcia, quarto romance de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez de 1º de janeiro de 1878 a 2 de março do mesmo ano, nos folhetins do jornal *O Cruzeiro*.² Publicado diariamente, ele alcançou notoriedade dos críticos e dos leitores da época, já como história que marca a transição do romancista da primeira para a segunda fase. Ao longo das décadas de sua publicação, ele continua a ser visto ora como romântico, ora como realista,

¹ Mestra em Literatura e Crítica Literária (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Especialista em Literatura (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Licenciada em Letras (Centro Universitário Padre Anchieta). Contato: raquel.amachado@hotmail.com.

² Para a realização deste trabalho, o texto do romance de Machado de Assis e seu conhecido ensaio *Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade* foram consultados na terceira edição da *Obra Completa* do autor pela Nova Aguilar (Cf. Referências).

sendo analisado em seus aspectos sociais, externos ao romance, ou interpretado a partir do texto e seus aspectos internos envolvidos, tendo em vista o narrador, as leituras e as personagens. Desta maneira, com o objetivo de entender, por meio de recortes, como a fortuna crítica aprecia e analisa *Iaiá Garcia*, formou-se a problematização: como se posiciona a crítica literária em relação a *Iaiá Garcia*, desde sua publicação em folhetins em 1878 até os tempos atuais? Ela se concentra em aspectos sociais e externos ao romance ou o analisa com profundidade, com vistas ao narrador e às personagens? Para tentar elucidar a questão, foram selecionados textos críticos de épocas variadas, a fim de observar como a crítica lidou com a obra de Machado de Assis ao longo do tempo. Para tanto, começamos com Lúcia Miguel Pereira (1936), primeira crítica do escritor, e passaremos por nomes como Massaud Moisés (1960), Roberto Schwarz (1977), Hélio de Seixas Guimarães (2004), John Gledson (2004) e algumas dissertações de mestrado e artigos científicos publicados até 2012.

Em 1936, Lúcia Miguel Pereira escreveu a primeira biografia crítica de Machado de Assis, relacionando a vida do escritor à sua obra. No capítulo XI, “Confissões”, a autora trata de três romances do escritor, *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, e um livro de contos, *Casa velha*, relacionando-os ao problema do orgulho do escritor e sua formação intelectual. A primeira menção a *Iaiá Garcia* é na relação que a crítica faz da ambição que o movia, abandonando a mãe afetiva, Maria Inês, que era humilde, para se tornar escritor famoso. Disso resultaria, em suas obras, questões sobre mudanças de classe, como Estela em *Iaiá Garcia*, que luta contra a hierarquia social. Pereira afirma que as personagens que se deixaram levar pelo romantismo e sentimentalismo fracassaram e se tornaram infelizes, como Estela, Lalau e até mesmo Helena, atingindo o ápice do dramalhão, que morre ao final por não conseguir vencer a diferença de classes. Já as moças espertas e ousadas, ao estilo de Capitu, passaram por cima de algumas crenças para alcançarem seu espaço na sociedade, atingindo seus objetivos, como é o caso de Guiomar e Iaiá Garcia.

Ela também comenta que Machado de Assis agiu como os naufragos que ao lutarem pela sobrevivência, acabam arrastando seus salvadores à morte, no momento em que tentou fugir de seu passado e abandonar Maria Inês para viver um futuro que parecia ser promissor em sua carreira. A frase final de *Iaiá Garcia* relaciona-se a esse sentimento: “Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões.” (2015, p. 595), demonstrando o domínio da crítica em relacionar vida e obra do escritor, no momento em que ele colocaria um ponto final na

discussão sobre sua ambição no seu quarto romance, sentindo-se aliviado por conseguir debater uma questão que o deixava com remorso.

Em relação à análise textual, Pereira comenta que Luís Garcia é a personagem que demonstra o estilo do narrador de Machado de Assis, aspecto que será retomado por estudos atuais. Segundo a crítica, em comparação com os outros romances, em *Iaiá Garcia* não se utilizam mais os exageros e o romanesco, no entanto falta à obra coesão. Apesar da tentativa de libertação do romantismo e da adequação da linguagem à história, ainda não há a análise dos homens e dos fatos com a curiosidade e frieza que o escritor demonstra em seus romances posteriores. O que ainda continua dessa escola literária são as oposições entre bem e mal, em que as personagens são estereotipadas como a ingênua (Iaiá), a orgulhosa (Estela), o cético (Luís Garcia), o volúvel (Jorge), o libertino (Procópio Dias).

Percebe-se, portanto, que Lúcia Miguel Pereira aborda o romance por um viés biográfico, ao mesmo tempo em que analisa sua escritura e adequação ou não ao romantismo, além de relacioná-lo às obras posteriores. É um estudo extremamente importante para a literatura de Machado de Assis, mas ainda não há a análise textual e interna de *Iaiá Garcia*, concentrando-se mais em aspectos sociais e externos ao romance.

Massaud Moisés, em 1960, escreveu uma nota preliminar sobre o romance em questão. O crítico reconhece que, dentre os quatro da primeira fase do escritor, este seria o melhor, ao lado de *Helena*, por conter alguns pormenores machadianos que se encontram presentes também em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Um exemplo disso é a partida de Jorge para a Guerra do Paraguai, drama aparentemente romanesco, mas que abre lugar para a análise de caracteres e da existência de conveniências emocionais e sentimentos mesquinhos. Outro traço, depois presente nas *Memórias Póstumas*, ocorre no final feliz do casamento de Jorge e Iaiá, que não termina pudicamente, mas com comentários do narrador sobre o matrimônio, a sociedade e o trabalho assalariado de Estela. Ainda outro traço citado pelo crítico é que as personagens são marcadas pela vida com algum acontecimento infeliz, que forçou o amadurecimento delas, inclusive Iaiá que, ainda adolescente, descobre o amor da madrasta por Jorge, apesar de esta ser casada com seu pai. Ainda sobre a jovem, Moisés a compara com Capitu, de *Dom Casmurro*, sendo fria, calculista, aquela que manipula as pessoas para atingir seus objetivos. Estela, apesar da não dissimulação, é considerada a personagem mais verdadeira no romance e se enquadra à fase da maturidade do escritor, pois apresenta caráter real e verossímil, enquanto as outras personagens, que se adaptam ao molde romanesco, são

estereotipadas. O crítico termina sua nota afirmando que *Iaiá Garcia* ainda pode ser lida com agrado.

No caso de Massaud Moisés, percebe-se que ele analisa o romance internamente, avaliando os tipos de personagens, suas características e ações. Ele também considera o contexto da obra de Machado de Assis, situando *Iaiá Garcia* como um romance de transição da fase romântica à realista, sendo considerado o melhor da primeira fase do escritor ao lado do folhetim *Helena*, ideia que se altera ao longo do tempo. É interessante observar a classificação dos críticos em relação ao romance estudado: enquanto que alguns, geralmente situados antes dos anos 2000, consideram-no como um dos melhores da primeira fase, porém deixam-no de lado quanto à análise textual, os atuais baseiam-se no enredo e no narrador para desvendar-lhe os enigmas. Deste modo, o que antes recebia elogios com pouca crítica analítica, mais à frente será interpretado com o devido cuidado. Para tanto, basta observar que Moisés dedicou somente três páginas à análise do romance.

Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas*, sendo a primeira edição datada de 1977, analisa a obra revelando os aspectos sociais; ao demonstrar a diferença de classes sociais entre Jorge e Estela, o crítico mostra como a personagem feminina age de acordo com a hierarquia social, deixando sentimentos afetivos de lado. Também afirma que as heroínas da primeira fase são humildes e que, para subirem na escala social, dependem de famílias abastadas que lhes deem condições, na maioria das vezes por um desejo de casamento que não se completa. Em suma, Schwarz é um crítico machadiano que tem embasamento social para tecer sua análise do romance, escrevendo com precisão sobre os problemas pelos quais o país sofria e que influenciavam na escrita literária de Machado de Assis. Ao final, ele reconhece como *Iaiá Garcia* apresenta características do escritor que serão aprofundadas na fase da maturidade. O crítico nos mostra o narrador nas obras da primeira fase, o ponto de vista, vida e características de personagens inferiores e dependentes de seus senhores. Também associa a vida delas com a história brasileira da época, como a Guerra do Paraguai e o conservadorismo da sociedade brasileira, evidenciado no fato de haver negros que trabalhavam de graça mesmo com a abolição da escravatura, como é o caso de Raimundo.

Hélio de Seixas Guimarães escreveu *Os leitores de Machado de Assis – o romance machadiano e o público de literatura no século XIX* (2004). No capítulo dedicado à análise de *Iaiá Garcia*, apresenta-nos uma análise do romance e a recepção do público leitor da época. Essa obra tem grande importância para o estudo de crítica machadiana, pois nos possibilita o

conhecimento de como ela o recebeu enquanto Machado de Assis ainda estava vivo. O crítico comenta que nesse romance a expectativa do leitor é frustrada por não haver mais cenas românticas e nem linguagem floreada, sendo submetido a acontecimentos de realidade. O primeiro exemplo que ele mostra é a partida de Jorge para a Guerra, ato supostamente heroico e romântico, mas que se torna patético ao se conhecer a motivação do rapaz, que queria deixar a mãe e a amada com remorso caso ele morresse.

A respeito das personagens, Guimarães também comenta que os casamentos são realizados por interesse, os desencontros vão se multiplicando ao longo da narrativa sem que se atinja um clímax, e a possibilidade de o amor verdadeiro acontecer se distancia cada vez mais à medida que a história avança, devido ao abismo social que separa os amantes. Para o crítico, o que escapa ao naufrágio das ilusões são os sentimentos objetivos e baseados na realidade, como os de Estela, que tem muito mais consciência de si do que Helena.

Há também a percepção de cinismo e crítica em *Iaiá Garcia*, no momento em que o narrador caracteriza os sentimentos como provisórios e suscetíveis às ações do tempo, desmentindo o amor de Jorge, uma vez que o amor sem fim que ele sentia por Estela logo é substituído por outro amor infinito por Iaiá Garcia. Luís Garcia, por sua vez, é o leitor ideal do livro, sendo uma projeção cética e desenganada do narrador em relação ao seu relato, agindo de maneira diferente da que ocorria até então nos romances do autor. Hélio de Seixas Guimarães demonstra os desencontros que ocorrem na narrativa, no nível das personagens, do leitor e do próprio narrador.

Em relação à recepção do romance no século XIX, apenas dois artigos foram publicados na imprensa. O primeiro deles foi assinado por Rigoletto, que escreveu um texto longo elogiando o romance, seu talento fino e linguagem elegante, pondo fim ao excesso romântico (Cf. GUIMARÃES, 2004). Rigoletto também afirma que a obra encantou o público, apesar de apenas supor essa adesão. O segundo artigo é de autoria de Urbano Duarte, que não demonstrou entusiasmo pelo romance, comentando, sobre o final do folhetim, que *Iaiá Garcia* havia se encerrado “tão desenhxada como no dia em que nasceu.” (apud GUIMARÃES, 2004, p. 171). Por fim, Duarte aconselha Machado de Assis a apimentar um pouco mais sua trama, para que ela não seja esquecida.

Guimarães também comenta que *Iaiá Garcia* realmente foi o romance de Machado de Assis recebido com menor entusiasmo pelo público leitor, tendo em vista que a publicação da segunda edição ocorreu somente em 1898, vinte anos mais tarde. Outro crítico que se

manifestou positivamente e que mais se aproxima dos críticos contemporâneos foi José Veríssimo, que define a obra como o romance mais emotivo e romanesco, oculto entre os espaços que o narrador nos deixa. Ele também reconhece que é o primeiro livro menos romântico e com mais acentuadas tendências críticas. Guimarães conclui o capítulo reforçando as palavras de Veríssimo, situando *Iaiá Garcia* como a transição para o que Machado de Assis viria a ser depois, demonstrando como a sua desilusão se transforma na personagem Brás Cubas.

No caso deste crítico literário, observa-se a análise interna do romance relacionada ao público leitor do século XIX, em que Guimarães nos mostra com clareza, por meio de uma análise refinada, a crítica do quarto romance do escritor, situando-se na transição para o realismo, com ceticismo, ironia e um narrador que, embora não se pronuncie no plano da narrativa, já é refinado e pronto a se transformar no agressivo narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O trabalho de John Gledson, crítico inglês que dedicou seus estudos a Machado de Assis, é fundamental para se estabelecer um panorama analítico do escritor, pois além de seus estudos aprofundados, apresenta um olhar estrangeiro sobre nosso escritor, o que torna suas análises diversificadas e importantes para a fortuna crítica. No capítulo “Roberto Schwarz: um mestre na periferia do capitalismo”, do livro *Por um novo Machado de Assis* (2004), Gledson comenta a obra *Iaiá Garcia*. Primeiramente, o crítico inglês afirma que Machado de Assis chegou a uma espécie de limite narrativo que exigia uma mudança radical se ele pretendesse continuar escrevendo, daí a originalidade presente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ele também relembra a análise de Schwarz, que observa que o chefe da família é sempre retirado de cena para que as personagens pudessem atuar livremente; no caso de *Iaiá Garcia*, Valéria, Estela e Jorge convivem em uma casa cujo patriarca faleceu há anos. Outro fator de análise é a negatividade das personagens, beirando a desobediência, como no caso de Luís Garcia, por exemplo, que obedecia forçosamente aos obséquios de Valéria. É interessante ressaltar que a questão da negatividade surge no romantismo e continua presente até a contemporaneidade, demonstrando o caráter moderno que *Iaiá Garcia* nos revela.

Uma contribuição muito importante de Gledson, ao lado de Schwarz, é que os críticos já veem Machado de Assis como moderno, uma vez que o escritor esgotou todas as possibilidades românticas em suas obras da primeira fase. Desse modo, ainda mantendo os pressupostos da estrutura social brasileira, o escritor, por meio de um narrador e linguagem

inusitados, passa a escrever de maneira que surpreendeu o público leitor da época e ainda o faz até hoje, e isso ocorre se levarmos em conta que as raízes do modernismo se encontram no romantismo, sendo que há críticos, como Antonio Cândido, que demonstram que o romantismo ainda prevalece depois dos anos 2000. Além do esgotamento romântico, a modernidade é sentida no nível de psicologia das personagens submissas que têm atitudes caprichosas, não conscientemente, mas por motivos considerados inconscientes por Gledson, o que levaria a Freud.

Em *Machado de Assis – um gênio brasileiro*, Piza (2004) apresenta *Iaiá Garcia* como uma obra lançada em folhetins e comenta que as personagens femininas são mais fortes que as masculinas, caracterizando as últimas como “filhinhos da mamãe” que não gostavam de trabalho duro e honesto. Na sequência, ele resume o enredo do romance e afirma que, enquanto Jorge estava na Guerra do Paraguai, previsivelmente Luís Garcia pede Estela em casamento. Esses fatos são relatados erroneamente pelo crítico, uma vez que, apesar de não terem trabalho duro, os mocinhos da história não eram desonestos, sendo personagens do bem, além de não ser previsível o pedido de casamento, uma vez que é Valéria, mãe de Jorge, quem articula isso e dá a ideia a Luís Garcia, proposta que só ocorre por iniciativa de Estela, que queria se casar com alguém para não sucumbir a um casamento que lhe traria humilhação, e Luís Garcia lhe parecia um homem adequado. Mais à frente na sua análise, Piza menciona Urbano Duarte, já referido por Hélio de Seixas Guimarães, e acrescenta Medeiros e Albuquerque, que apontou o romantismo de *Iaiá Garcia* como sereno e irônico. Ao final de sua análise, o crítico associa a última frase do romance – “Alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões.” (2015, p. 595) – ao término da fase romântica de Machado de Assis. Daniel Piza tenta fazer uma associação entre vida e obra do escritor, no entanto, não obtém o sucesso de Lúcia Miguel Pereira; os dados imprecisos e a falta de análise interna do romance demonstram a imperícia do crítico ao analisar a obra, no entanto, é notável o trabalho e conhecimentos que reuniu para escrever sua crítica a esse romance, considerando que não se especializou em *Iaiá Garcia*, mas na obra machadiana inteira.

Recortes Machadianos, livro organizado por Ana Salles Mariano e Maria Rosa Duarte de Oliveira, reúne capítulos de diversos autores sobre o escritor. Maria Aparecida Junqueira, no capítulo Projeto Estético-Literário Machadiano: uma visão preliminar, nos apresenta o próprio Machado de Assis como crítico literário, citando o *Instinto de Nacionalidade*, essencial para sua compreensão, uma vez que o próprio escritor já sabia como fazer crítica e,

portanto, de sua própria obra. Talvez seja por esse motivo que ele abandonou na maturidade o trabalho de crítico literário e avançou na construção de romances, por saber exatamente como criar uma grande literatura que não seria totalmente compreendida na época, mas estudada por inúmeras pessoas ao longo dos anos. A crítica também menciona a advertência de *Papéis Avulsos*, em que Machado de Assis convida o leitor a ser o crítico literário de sua obra. Ao tratar do sentimento íntimo que o verdadeiro escritor brasileiro deve ter, Junqueira menciona *Iaiá Garcia* como um exemplo da transformação da narrativa romântica, sugerindo que o escritor alcançou esse “sentimento íntimo” do qual falava que deveria ter. Tratando da análise de sentimentos e enredo amenizado, o romance, segundo a crítica, já apresenta indícios modernos, mostrando seus critérios estéticos “na voz de Jorge, que diz, lembrando-se uma vez de escrever um romance, que era o seu próprio romance.” (JUNQUEIRA, 2008, p. 165). Ao término desse argumento, a crítica nos mostra uma passagem do romance que associa a cor local à mulher machadiana, demonstrando como Machado de Assis tinha domínio para usar sua própria crítica em seus romances; sua intenção, de acordo com Junqueira, era “fundir a natureza à personagem.” (JUNQUEIRA, 2008, p. 166). Por fim, neste artigo também se questiona a demarcação entre a fase romântica e a fase realista do escritor, tendo em vista que na declaração de Jorge a respeito do amor, a personagem fica confusa entre a efusão lírica e a anedota, notando-se, nesse momento, que Machado permanece moderno justamente por não pertencer à fase romântica ou à realista, mas à literatura em si.

Por um viés analítico, Maria Aparecida Junqueira nos mostra um olhar que parte de dentro de *Iaiá Garcia* para fora, mostrando como os contemporâneos analisam o romance com aspectos concisos e que, apesar de reconhecerem o romantismo e o realismo em Machado de Assis, não os consideram como se eles fossem um divisor de águas, mas características que, unidas, demonstram o projeto literário do escritor que se revelou original, moderno e único, daí seu reconhecimento até os dias de hoje, sempre trazendo estudos que não se acabam.

Em se tratando da crítica literária atual no que se refere a *Iaiá Garcia*, selecionamos um artigo científico e duas dissertações, publicados entre 2008 e 2012. Em *A literatura na imprensa: uma análise de Iaiá Garcia no jornal O Cruzeiro* (2008), Daniela Maria Megid trabalha a história social da cultura, com a intenção de mostrar a historicização da literatura. Para analisar o romance de Machado de Assis, a crítica relacionou o texto literário a seu meio de produção, portanto, o folhetim *Iaiá Garcia* e o jornal *O Cruzeiro*, selecionando o período

de publicação do romance no periódico e analisando o que acontecia no país naquele momento. Megid compreendeu o romance como um todo inserido no jornal para analisá-lo, e não apenas o texto literário. Ela menciona Schwarz e Gledson, porém não concorda com eles no aspecto de análise, pois afirma que não levaram em consideração os fatos sócio-históricos na análise do romance. Desta maneira, foi em Sidney Chalhoub que encontrou apoio para sua argumentação, afirmando que há uma história que se explica por meio das personagens sendo a cronologia marcada detalhadamente até 1871. Um dos temas históricos mais destacados por Medig foi o paternalismo, existente no romance e muito debatido no jornal. Observa-se, neste caso, a intenção da crítica em analisar de maneira diferente o romance, no entanto, a análise de *Iaiá Garcia* não é interna nem completa, partindo sempre de análises em comparação à história.

Em “A construção do amor – uma análise do romance *Iaiá Garcia* de Machado de Assis”, dissertação de mestrado publicada em 2011, o autor Áriston Moraes Rodrigues demonstra como as personagens femininas se comportam na questão amorosa, tendo em vista as relações afetivas ligadas ao matrimônio e ao sistema de cooptação e favor vigente durante o Segundo Reinado. Enquanto *Iaiá Garcia* representa o passado e o romantismo da história no Brasil, Estela seria o futuro e o realismo, sendo que as duas personagens convergem para a construção de um amor desacreditado, que se iniciou no século XIX. A crítica, nessa dissertação, faz o caminho inverso daquele constante da obra de Megid, pois analisa o romance internamente para explicar questões externas. A partir da análise do narrador e das personagens femininas, é mostrada a questão social existente na trama, o amor romântico que se desfaz e como essas questões se refletiam na sociedade oitocentista da época, demonstrando domínio de uma análise literária consistente e por um viés analítico.

Publicada em 2012, a dissertação de mestrado mais recente que envolve o romance *Iaiá Garcia* é *Iaiá Garcia, Esaú e Jacó e Memorial de Aires*: a construção de um narrador, de Luciane da Rocha Franzoni Reinke, que tem como foco a análise do narrador de *Memorial de Aires*; para compreendê-lo, porém, revisita o romance que é objeto deste estudo para analisar o modo como a personagem Luís Garcia se comporta, uma vez que se identifica com o narrador da obra. O principal objetivo do trabalho de Reinke foi compreender se o narrador machadiano, nesses romances, é dissimulado. Observa-se neste estudo a mudança de comportamento em relação ao quarto romance publicado por Machado de Assis: não é mais considerado da primeira fase, mas necessário para se estudar o narrador de seu último

romance, logo, quando o escritor atingiu o ápice de seu domínio narrativo. Ao colocar a personagem de Luís Garcia se comportando como o próprio narrador, percebemos que *Iaiá Garcia* não é mais um mero romance de transição da fase romântica do autor para a realista, com comentários pouco críticos a seu lado, mas precisa ser relido pelos analistas, a fim de observarmos sua real contribuição aos estudos machadianos.

A partir deste recorte de análises e pesquisas sobre *Iaiá Garcia*, depreendemos que o romance ainda carece de muita pesquisa analítica e atenção por parte dos críticos literários. Apesar de termos críticos renomados que o abordaram, o foco deles não está centrado na análise interna do romance em questão, mas em outros aspectos externos que conduzem a uma análise, por vezes, superficial.

Percebemos que Lúcia Miguel Pereira, Roberto Schwarz, Daniel Piza e Daniela Maria Megid analisam o romance externamente, tendo em vista ora um viés biográfico, ora social e ora histórico, explicando-o do contexto para o enredo, e não o inverso, com diferenças de reconhecimento na crítica, sendo Pereira lembrada como a primeira biógrafa de Machado de Assis, Schwarz por seu brilhantismo na análise social, Piza criticado por alguns estudiosos e Megid, crítica recente, não muito reconhecida. Todos esses críticos literários, pertencentes a épocas diferentes, de 1936 a 2008, não analisam o texto em si, relacionando-o a outros aspectos.

Por outro lado, Massaud Moisés, Hélio de Seixas Guimarães, John Gledson, Maria Aparecida Junqueira, Áriston Moraes Rodrigues e Luciane da Rocha Franzoni Reinke, cujas críticas foram produzidas entre 1960 e 2012, fazem análises exemplares do romance, partindo de sua estrutura interna para explicar o funcionamento de narrador, personagem, crítica, história, condição social, mas sempre a partir do romance e não do contexto em que ele se insere.

Posicionamo-nos, neste trabalho, ao lado dos críticos literários logo acima mencionados, uma vez que a questão social, histórica e externa ao texto não pode ser ignorada e tem sua importância, no entanto, não se analisa o texto em si, chegando-se a classificações como romântico, realista, pior, melhor, agradável, que classificam, mas não explicam o texto, permanecendo-se na superficialidade da análise machadiana. Antonio Cândido, no prefácio de *A juventude de Machado de Assis* (2008), de Jean Michel Massa, reconhece que “‘A vida, a obra, o tempo’, intimamente trançados são o fio condutor [...] e essa trança o livrou de encarar os textos como ‘reflexos’ da época ou do autor” (p. 12). Observa-se que, inclusive em um

estudo biográfico, deve-se ter o cuidado de não explicar a obra devido às circunstâncias que o autor vive na época, mas realizar o inverso: explicar a obra e, se possível, estabelecer relações biográficas, que não são dependentes do que o autor escreve.

Outra constatação a que se chegou neste recorte crítico foi a necessidade de *Iaiá Garcia* ser mais bem analisado pela crítica, no sentido de que poucos trabalhos, antigos ou recentes, dirigem-se especificamente à análise interna do romance, marginalizando-o como se fosse apenas um reflexo do que Machado de Assis se tornou a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Na realidade, o escritor sempre apresentou os mesmos traços, aprimorando-se com o passar do tempo, logo, em *Iaiá Garcia*, o narrador que manipula o leitor, irônico, cínico, bem como personagens desiludidas em relação ao amor e às pessoas, já existem, apenas aparecem de maneira inusitada em seus romances posteriores. Em *Helena*, o escritor escreveu a última advertência dos chamados romances da primeira fase, pedindo ao leitor que não julgue a obra pelo aspecto romanesco, afirmando que “cada obra pertence ao seu tempo”. Apesar de não se posicionar em *Iaiá Garcia*, que não apresenta advertência, podemos inferir que o escritor e crítico literário nos queria ensinar a analisar a obra em si, como ele mesmo sugeriu naquela Advertência e em seu *Instinto de Nacionalidade*.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Iaiá Garcia*. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra Completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015. Vol. I, p. 487-595.

_____. Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *Obra Completa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015. Vol. I, p. 801-809.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankim Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

JUNQUEIRA, Maria Aparecida. Projeto Estético-Literário Machadiano: uma visão preliminar. In: MARIANO, Ana Salles; OLIVEIRA, Maria Rosa. *Recortes Machadianos*. 2. ed. São Paulo: Nankin: EDUSP: EDUC, 2008. Cap. XI, p. 153-182.

MASSA, Jean Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

MEGID, Daniele Maria. A literatura na imprensa: uma análise de *Iaiá Garcia* no jornal *O Cruzeiro*. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Poder, Violência e Exclusão, 19.,

2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo, ANPUH/SP-USP, 8 a 12 set. 2008. Cd-Rom. Disponível em:

<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Paineis/Daniele%20Maria%20Megid.pdf>>. Acesso em: maio 2016.

MOISÉS, Massaud. *Helena e Iaiá Garcia*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

REINKE, Luciane da Rocha Franzoni. *Iaiá Garcia, Esaú e Jacó e Memorial de Aires: a construção de um narrador*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/56042/000858449.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: maio 2016.

RODRIGUES, Áriston Moraes. *A construção do amor – uma análise do romance Iaiá Garcia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 6. ed. São Paulo: Duas cidades: Editora 34, 2012.